

# Leandro Konder



Entrevista e apresentação por  
**Antônio Ponciano Bezerra e Janete Luzia Leite**

**LEANDRO KONDER** é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e um intelectual e militante histórico, no campo da esquerda brasileira. Na história do pensamento filosófico brasileiro, ele se eleva como um estudioso e divulgador competente das idéias estéticas de Luckács que muito contribuíram para o enriquecimento das reflexões no campo das letras e das idéias, no Brasil.

No entanto, como ele mesmo nos confessa, a sua formação política teve influência decisiva do pensador italiano Gramsci.

Nesta entrevista, o professor Leandro Konder nos relata sobre passagens de sua atividade política, no quadro do PCB, sua experiência no exílio, durante a ditadura militar, seu ingresso e saída do Partido dos Trabalhadores (PT).

"Memória é identidade. Só conseguimos ter uma certa idéia de quem somos, se dispusermos de algumas referências a respeito do caminho que percorremos para chegar onde estamos. O desmemoriado é o sujeito que não sabe mais quem é". - Leandro Konder.

**Universidade e Sociedade – Gostaríamos de iniciar pedindo que o senhor fizesse uma breve descrição de sua trajetória de militância intelectual e política junto ao PCB, ressaltando a sua relação, a sua contribuição ao partido, seu trabalho, a sua produção intelectual ainda hoje relevante e presente em bibliografias de cursos superiores.**

**Leandro Konder** – Eu praticamente nasci no meio do Partido Comunista. Meu pai se envolveu no movimento de 35, participou dele e foi avisado que ia ser preso, tentou fugir com minha mãe. Chegou em Petrópolis, eu nasci e, em consequência disso, ele foi preso. Foi preso por causa do meu nascimento. Sempre digo aos meus amigos psicanalistas que os primeiros vinte anos de análise – no dia que eu fizer análise – vão ser dedicados a resolver o problema com o meu pai. Eu nasci causando a prisão dele. Eu desde pequeno procurava entender aquilo; que estranha religião era aquela daquelas pessoas; o meu pai, os amigos dele. Eles eram meio maluquinhos, eu achava. Eles não eram do mal. Então, eu queria entender aquilo e terminei me envolvendo com o comunismo. Com 15 anos, entrei para a Juventude Comunista e depois passei ao partido e fiquei, durante 31 anos, no Partido Comunista. Acho que aprendi muita coisa e depois percebi que a forma do par-

72 a dezembro de 78 – a partir de 79/80, a gente foi vivendo a decepção interna brasileira com o Partido Comunista e, em 81/82, saí do partido.

**US – Professor, como se deu a sua militância de esquerda no Brasil durante a ditadura militar? O sr. foi exilado político neste período? Pode relatar essa experiência?**

**LK** – Nós ficamos muito impressionados, muito surpreendidos com o golpe de 64. Eu me lembro que, em abril de 64, um companheiro disse assim: “companheiros, essa ditadura veio para ficar algum tempo; no mínimo uns dois anos”. Esse era o pessimista. Nós estávamos avaliando mal a situação. Eu era advogado sindical, advogado do Sindicato dos Sapateiros, desde 59/60, e com os interventores nos sindicatos durante a ditadura – perdemos o Sindicato dos Bancários, o Sindicato dos Aeronautas – mudei de vida. Foi bom porque eu estava cansado de advogar e então me dediquei a livros. Comecei a trabalhar em ligação com a editora Civilização Brasileira, participando da resistência à ditadura, em contato com o pessoal do teatro, pessoal do cinema. Havia um movimento de oposição bastante amplo e aí a ditadura nos golpeou com o AI-5, em dezembro de 68, ficou difícil atuar politicamente.

**Eu me lembro que, em abril de 64, um companheiro disse assim: “companheiros, essa ditadura veio para ficar algum tempo; no mínimo uns dois anos”. Esse era o pessimista. Nós estávamos avaliando mal a situação.**

tido, a forma leninista, estava meio se esgotando, se exaurindo. Ela foi eficiente durante um certo período – nos anos 30, alguns Partidos Comunistas deram certo -, mas a maioria não deu certo, a maioria ficou marginalizada. Então, fui levado a repensar a experiência leninista. Tive muita esperança com o comunismo italiano, menos com o eurocomunismo. No eurocomunismo, nunca acreditei muito; sempre achei uma coisa meio demagógica. Mas o partido italiano existiu, tinha muitos amigos, era muito interessante, no seu impulso renovador. Retardei a minha saída do PCB, um pouco, em função da esperança que tinha no PCI, o partido italiano. Mas acabou que não houve jeito mais de evitar isso, então quando chegamos aqui, de volta do exílio – fui exilado de agosto de

Prenderam um dos nossos companheiros com material em casa, o material nos incriminava. Mas eles me pegaram por outra coisa, não pelo comitê cultural; me pegaram porque eu era ex-cunhado da mulher do José Salles, Marli Viana. Esqueci que o José Salles era o secretário da organização do PCB. Fui preso, depois eles perceberam que não podiam fazer isso comigo, eu era um militante legal. Então apelei para a experiência deles. Eu disse: “olha, vocês sabem que José Sales é Secretário de um partido clandestino. Como é que ele daria o seu endereço para mim, que sou legal?”. Não sabia mesmo o endereço dele, mesmo que eles me torturassem e eu enlouquesses; não podia nem entregá-lo. Acabaram me soltando e me processando com base nos documentos que

encontraram na casa desse companheiro do Comitê Cultural. Então, os advogados me aconselharam a sair do país. Tinha alguns amigos alemães que me ajudaram a montar um esquema. Saí do país e fui para a Alemanha, onde começou o meu exílio. Mas, no exílio, a gente trabalhava também politicamente. A gente se reunia em Paris – tinha que ser, era a preferência geral – e fazia o jornal *Voz Operária*, um jornalzinho que a gente tentava distribuir no Brasil, através de alguns sistemas precários. Certa vez, tive uma alegria quando estava passeando com uma amiga por aquelas ruelas de Paris e, de repente, quem eu vejo? Delfim Neto. Tive essa alegria de poder dar uma vaia nele no exterior. Ele



priamente original. Fui um bom divulgador, acho que sim.

**US – Alguns intelectuais reputam à influência luckasiana uma sensibilidade maior que alguns comunistas têm, ao contrário dos althusserianos, que são mais duros. O sr. vê isso?**

**LK –** Luckács tem uma visão da arte muito mais convincente do que a do Althusser. Ele vê na arte um papel importantíssimo na construção do conhecimento. Você não conhece uma realidade do movimento histórico, do movimento social, sem arte. A arte desempenha um papel fundamental de revelação da essência significativa desse movimento. Os althusserianos não têm muita sen-

**Você não conhece uma realidade do movimento histórico, do movimento social, sem arte. A arte desempenha um papel fundamental de revelação da essência significativa desse movimento.**

não podia fazer nada contra mim. Gritei: gordo filho de não-sei-o-quê. Ele me olhou, meio espantado, querendo saber quem eram aqueles franceses, parisienses, que o identificavam e gritavam, em português, gordo filho-de-não-sei-o-quê.

**US – O sr. é um dos intelectuais pioneiros no campo da reflexão sobre a arte, na perspectiva marxista. Poderia comentar esse seu trabalho e como essa atividade intelectual se faz hoje, se ainda se faz, no Brasil?**

**LK –** Perdemos há pouco tempo – uns dois anos e meio – uma figura do pensamento estético brasileiro, Fayga Ostrower. Eu acho-a extraordinária, muito interessante, muito original, muito valente. Mas a minha grande influência não foi Fayga, fui influenciado por Luckács. Luckács era um sujeito sólido, mas meio duro na crítica de arte; o combate ao que ele chama de decadência leva-o a cometer algumas injustiças contra alguns autores da vanguarda. Contra Kafka, por exemplo; acho Kafka maravilhoso. Proust, também. Acho-o injusto com Proust. Joyce não gosto, mas Proust e Kafka, não. Então, nessa época, o meu trabalho consistia muito em divulgar as idéias do Luckács, mas eu não desenvolvia a reflexão pro-

sibilidade para a História e não têm muita sensibilidade para a Arte. Eles colocam questões até, às vezes, interessantes. Nós tínhamos uma vantagem sobre eles: Luckács nos punha em contato direto com a grande arte – o que ele chama de grande arte – e isso foi muito bom para nós. Mas hoje é preciso ir além do Luckács. O que a gente percebe, o que a gente entende, o que a gente vê nos desafia a ir além dele, pensar coisas que ele não pensou, resgatar autores que ele desprezou.

**US – Que papel desempenhou Gramsci na sua formação intelectual?**

**LK –** Luckács influenciou mais o raciocínio abstrato, mais filosófico, mais abstratamente teórico, estético, de Teoria do Conhecimento. Gramsci filosoficamente é menos interessante que Luckács, mas politicamente é muito importante. Eu diria que ele tem um uso mais diretamente estimulante que o uso das concepções de Luckács. Gramsci é mais instigante na política, no pensamento político; ele tem libertado minha cabeça de alguns dogmas mais estreitos do legado marxista não desenvolvido.

**US – Como o PCB tratou as questões da cultura**

ao longo da sua experiência política no partido?

**LK** – Eu concordo com o Carlos Nélon quando ele diz que o PCB foi muito hábil e deixou a cultura entregue aos intelectuais. A cultura não alterava nada e eles guardavam a cultura da política. A gente participou pouco das discussões, a gente não foi fundo nas discussões políticas, ao contrário dos gramscianos argentinos. Os argentinos que liam Gramsci discutiam política; a gente aplicava Gramsci na crítica da cultura. Incomodava menos, eu diria assim. Em matéria de incomodar a direção, os argentinos estavam melhor que nós.

**US** – Outra questão seria em relação ao papel da Civilização Brasileira como uma editora de apoio ao PCB. O que se conhece, daquela época, é que ela realmente divulgava as idéias de pensadores como Luckács, o próprio Marx. O sr. pode comentar, um pouco, o papel dessa editora?

**LK** – Ênio Silveira tinha uma característica muito positiva e muito curiosa. Era o dono da editora e era comunista. Ele dizia assim: “a editora é minha, não é do



uma repressão muito braba; estouraram bomba, fizeram o diabo!

**US** – Mudando um pouco de campo, seria interessante que a gente falasse de questões de conjuntura. Do ponto de vista político mais geral, como o sr. está vendo o momento atual?

**LK** – Um momento feio, difícil, com uma desmobilização muito grande. A ideologia dominante conseguiu se enraizar e isso produziu efeitos muito profundos. O capitalismo se tornou realmente muito acentuadamente hegemônico, a lógica do capitalismo prevalece. Existe uma resistência, mas uma resistência difusa, politicamente ainda muito pouco amadurecida, que repete fórmulas já desgastadas e isso não adianta. É um momento que tem gerado desânimo em muitas pessoas; eu tenho visto isso. As contradições estão aí. Nenhuma contradição foi resolvida. Embromação vai até certo ponto, até certo limite. Depois, ela não funciona. Eu estou decepcionado com o governo Lula. O governo Lula foi eleito em função de um grande movimento popular e o principal compromisso dele seria contribuir para a organização e fortale-

**Eu estou decepcionado com o governo Lula. O governo Lula foi eleito em função de um grande movimento popular e o principal compromisso dele seria contribuir para a organização e fortalecimento desse movimento popular do qual ele era líder, mas ele entrou por um terreno de ambigüidades, conchavos, acordos.**

partido”. Então, seguia, na editora, uma linha que era a linha dele, comunista. Mas não deixava que a direção do partido interferisse além da conta. Então, publicou realmente vários autores, mas publicou em função de convicções pessoais. Quando lhe apresentei o primeiro plano de publicar ensaios do Luckács, ele aprovou na hora, concordou plenamente. Quem não aprovou foi o velho Luckács. Mandei para ele o plano e ele disse: “é muito eclético, tem muita coisa diferente, por que não fazer algo mais humilde, em torno de uma questão só: a questão estética, a questão literária. O livro ficou com uma unidade, um ensaísmo literário do Luckács. Teve um grande sucesso, vendeu bem. Mas a editora enfrentou

cimento desse movimento popular do qual ele era líder, mas ele entrou por um terreno de ambigüidades, conchavos, acordos e, nesse terreno, ele consegue algum êxito imediato, mas se condena a um desgaste inevitável com o tempo. Nós também estamos mal, porque não conseguimos propor uma alternativa convincente, clara. Nosso campo está muito confuso, o campo da esquerda.

**US** – Nessas últimas décadas, assistimos à migração de intelectuais conhecidos como intelectuais da esquerda para o campo do poder. Como o sr. avalia essa postura dos intelectuais?

**LK** – Eu sou um marxista da velha guarda, cabeça feita, formado pelo pensamento de Marx.

Então, eu tendo sempre a, nessas horas, recorrer ao que disse o velho Marx. O velho Marx sempre disse muito claramente o seguinte: “o intelectual não é uma classe social”. Então, o comportamento do intelectual depende da inserção dele na luta de classes. Os nossos intelectuais têm, no conjunto, a característica de críticos em função da oposição a

denuncia isso. Isso tem que ser denunciado, mas a gente tem que encaminhar uma política alternativa de superação dessa desigualdade. O caminho não é o do Lula. Lula percebe o problema, mas Lula recorre a paliativos, medidas que vão diminuir um pouquinho – de 19,3 para 19,2 – e isso é muito pouco. Agora, você falar em revolução, as pessoas

**O comportamento do intelectual depende da inserção dele na luta de classes. Os nossos intelectuais têm, no conjunto, a característica de críticos em função da oposição a um governo conservador. Mas eles não são enraizadamente de esquerda.**

um governo conservador. Mas eles não são enraizadamente de esquerda. Um ou outro são pessoas militantes de esquerda, mas a maioria tende a ser simpatizante da esquerda, e como simpatizante se permite uma flutuação de comportamento político que é preocupante. Eu acho que já há algum tempo vem acontecendo este fenômeno. Quero lembrar o Weffort, por exemplo, já era um sinal dos tempos. Hoje se vê isso com mais facilidade porque Lula é mais convincente para estes intelectuais que Fernando Henrique. Era mais fácil para eles desconfiar de Fernando Henrique que de Lula e então eles estão predispostos a aderir. A um sinal de Lula, eles vão em massa para o governo.

**US – Quais são, dentro dessa perspectiva, desse enfoque, os problemas que a conjuntura atual aponta e como situar esses problemas em função da construção de uma verdadeira cidadania?**

**LK** – Eu sempre tenho um certo constrangimento porque, como sempre digo, não sou um cientista político, não sou um sociólogo. Os sociólogos e os cientistas políticos teriam como discutir isso entrando neste campo. Eu como filósofo, tenho aquele álibi maravilhoso de ficar discutindo questões gerais. Eu não sei muito como fazer; eu sei que é necessário que a gente tente. Já o que me preocupa no plano filosófico é o fato de não estarmos tentando mais, de estarmos semi-paralisados pela confusão ideológica. Agora, eu acho que nós temos que rever, por exemplo, a questão da nossa inserção no mercado mundial. A gente tem uma visão crítica da globalização, mas tem que encaminhar uma política de crítica da globalização. A gente tem aqui uma diferença de nível, uma disparidade, uma desigualdade social brutal. A gente

sequer entendem, as pessoas não entendem o que é isso. Mas eu sempre digo: revoluções ocorrem. São raras, mas acontecem. Então, de repente, se a realidade é contraditória e se a contradição é levada aos seus extremos, acaba ocorrendo uma explosão revolucionária. Eu, por mim, preferiria que essa revolução fosse um processo – mais do que uma explosão, a revolução por explosão não é uma boa coisa, mas se não houver jeito... Agora, a revolução como processo é muito difícil, mas corresponde a uma necessidade que é a necessidade da própria estrutura histórica da sociedade. Eu não acredito que os privilegiados na sociedade brasileira vão abrir mão dos privilégios com elegância, com classe e com um sorriso nos lábios. Então, nesse sentido, vai ser necessário um processo revolucionário de mobilização das camadas populares, das classes trabalhadoras – com toda a diversidade delas, mas é muito diferente do quadro da época de Marx, mas ainda existem as classes dos trabalhadores – mas os trabalhadores vão ter que se organizar e brigar muito para poder pressionar o poder e obter resultados significativos, para conseguir alcançar uma mudança real. Agora, como isso vai ser feito, não sou eu quem vai dizer. Não pertence ao nosso terreno análises tão exigentes.

**US – Nas últimas décadas, o que se denomina de neoliberalismo cresceu, se expandiu no Brasil e aumentou o processo de exclusão social e desestruturação da sociedade. Como o sr. avalia esse modelo?**

**LK** – É um horror. De repente o neoliberalismo é o quê? Qual é a relação do neoliberalismo com o antigo liberalismo? Eu acho que é o despuador, a falta de vergonha. Quando existia a União

Soviética, ela era cheia de defeitos graves. De certa forma, o seu desaparecimento tem um lado que até me aliviou; eu não agüentava mais discutir marxismo e Lênin. Agora, por outro lado, o desaparecimento da União Soviética atrapalha a resistência contra a prepotência norte-americana. Os norte-americanos estão insuportáveis, o governo norte-americano é um horror e falta um contrapeso mais eficaz. O neoliberalismo foi levado à prática por estímulo dos norte-americanos e dos ingleses – basicamente norte-americanos e ingleses – e como ideologia legitimadora de uma lógica

está perpetuando isso com uma outra capa, que é a capa das reformas, da solidariedade, do combate à fome.

**LK** – Eu escrevi, há alguns anos atrás, um romance chamado Bartolomeu. Nele, o personagem narrador é um crápula, um reacionário e ele se orienta de acordo com as idéias de um general – Pantaleão – que é um personagem que eu criei, um reacionário empedernido, mas ao mesmo tempo muito hábil e com muita sensibilidade política. Existe isso. Então, o tempo todo ele dizia: vamos ver quais são as demandas que estão se

### **O desaparecimento da União Soviética atrapalha a resistência contra a prepotência norte-americana. Os norte-americanos estão insuportáveis, o governo norte-americano é um horror e falta um contrapeso mais eficaz.**

ca cínica, truculenta mesmo, do mercado. Então, a postura política é de apoiar o que o mercado pede, o que o mercado quer. Isso para nós é um horror. Acho que isso já está em refluxo.

**US** – *As nações desenvolvidas conseguiram elevar significativamente a sua qualidade de vida, investindo em educação, ciência e tecnologia. Isso nem se vislumbra entre nós, brasileiros. Como avalia esse quadro?*

**LK** – Isso por razões históricas. A história da sociedade brasileira é uma história triste, sofrida, na qual os grupos dominantes tiveram sempre um ponto de eficiência reconhecida: manter os dominados, manter os de baixo em estado de desorganização. Isso é sistemático, não é casual. Não é um lapso porque o governo falhou. Não. O governo e as classes dominantes como um todo trabalharam sempre para manter os de baixo desarticulados. Então, nesse sentido, qualquer coisa que tenha a ver com a valorização da cultura, valorização da ciência, pesquisa, organização da educação pode prejudicar esse controle dos de baixo, através da sua desorganização pelos de cima, pelos privilegiados. É aí que a gente poderia entender melhor a natureza desse mundo estranho.

**US** – *O senhor está se referindo ao que Florestan Fernandes chamava de “tara elitista”, que é um traço comum na formação social e econômica do povo brasileiro. Parece que o atual governo*

agravando e vamos procurar dar algum atendimento a essas demandas porque, por um lado, eles vão ficar muito satisfeitos com esse microatendimento – conseguimos alguma coisa – e nós fortalecemos os nossos mecanismos de domínio. O general Pantaleão é um sujeito que tem atitudes moderadas. Se reúne com oficiais fascicizantes e diz: “você estão errados. Tem que fazer o jogo da democracia, tem que saber fazê-los participar do jogo da democracia. Vocês se isolam, vocês põem em risco as nossas conquistas”. Nossas quer dizer a classe dominantes. Com esse personagem eu acertei. O personagem não veio das camadas militares, como eu temia naquela época. Não veio do exército, não veio da direita tradicional, da direita clássica. Veio da nossa área, o que é mais triste. Nisso eu acho que errei, mas no espírito da coisa, eu acertei.

**US** – *Que considerações o sr. faria sobre os rumos que o PT e seu projeto de partido socialista assumiram, após a ancoragem no poder?*

**LK** – O PT vem fazendo uma coisa que já vinha sendo notada, mas que se ampliou que é essa manifestação de habilidade política conciliadora, de conciliação com conservadorismo. Eu sou muito cético quanto a essa linha. Ela obtém resultados imediatos, mas que são precários. Talvez dê alguma alegria a setores das camadas médias, mas vão frustrar o povão. A médio prazo, vão frustrar o povão. Nosso compromisso é com a maioria, nosso

compromisso é com o povo, realmente com a massa dos trabalhadores. E, nesse sentido, eu não encontrei espaço dentro do PT. Eu e meus dois amigos – Milton Temer, Carlos Nelson Coutinho e eu discutimos e resolvemos sair para provocar um pouco, para criar um caso.



Mas o PT absorveu bem. O Chico de Oliveira também, mas nós mantemos contato com ele. Percebemos que está na mesma jogada.

**US – E sobre essa onda de reformas, as acontecidas e as que estão para acontecer?**

**LK –** São muito setoriais e, às vezes, são muito, muito, limitadas. Em todo caso, tem sido criticadas veementemente e eu acho que devem ser observadas com atenção e interesse. Frequentemente, tem pontos que eu acho que são muito lúcidos. Agora, mesmo que elas fossem corrigidas, elas encaminham uma transformação efetiva da sociedade brasileira? Eu acho que não. Eu acho que as transformações são necessárias, mas desde que elas se articulem para formar uma espécie de processo revolucionário. Ou, se a palavra revolucionário assustar muito, um processo revolucionador na sociedade.

**US – O sr. foi um advogado de sindicato. Como o sr. avalia a atualidade do movimento sindical no Brasil?**

**LK –** Eu acho que mudou muito, mudou muito. O movimento sindical, em 64, tinha uma massa de sindicalizados muito menor do que hoje. Houve uma mudança na classe operária, no perfil do trabalhador. Se compararmos com Marx, a Inglaterra do século XIX, havia uma certa homogeneidade na classe operária. A classe trabalhadora hoje é extremamente heterogênea, tem de tudo. Tem o cara que fica o tempo todo diante de um aparelho de computador até o cara que está na rua vendendo, ganhando o salário só de gratificação, sem carteira assinada. Nós estamos com certa

dificuldade de dar conta dessa diversidade, mas vamos ter que ter alternativas.

**US – Como o sr. considera o ensino público no Brasil, sobretudo o universitário?**

**LK –** Eu acho que também é ruim. Estou pensando nas minhas colegas. Eu, apesar da idade, sou homem, e homem é uma raridade no meu departamento, meu departamento é feminino. Então, me tratam muito bem, tem uma paciência... mas eu tenho medo de invadir a área delas dizendo bobagens. Nessa área da Educação, é complicado fazer uma avaliação. Eu sei que está ruim, isso aí não precisa de grandes análises para perceber. É muito visível, demais, é muito evidente a degradação das escolas. A vigiarice na área das universidades particulares é muito grande também. As pessoas têm pressa em se formar, em obter um diploma e então fazem economias, pagam essas baiúcas que são deletérias, deletérias. Mas eu não vou citar nomes porque, de repente, as minhas amigas vão reclamar depois: “você deveria ter citado essa. Não, essa daqui...”.

**US – No bojo dessas reformas, há três com as quais não nos temos preocupado muito: a Reforma Universitária – que abre caminho para a privatização do ensino público – e a Reforma Trabalhista, que está acoplada à Reforma Sindical – que joga tudo dentro de uma grande Central Chapa Branca e isso vai operar uma mudança no mundo do trabalho que, em nome da flexibilização, de as pessoas terem emprego, vai acontecer justamente o contrário. Quando observamos o movimento da CUT, da CGT e se o governo consegue fazer a Reforma Sindical nos moldes propostos, aonde poderemos chegar?**

**LK –** Poderemos chegar a uma situação de crise muito grande. Não é por acaso que vem aumentando o número de desempregados e o governo não está sabendo o que fazer para enfrentar

**As transformações são necessárias, mas desde que elas se articulem para formar uma espécie de processo revolucionário. Ou, se a palavra revolucionário assustar muito, um processo revolucionador na sociedade.**

**Depois ver o PT, um partido grande, de massa, eu me dizia que o caminho pós-leninista estava dando certo e, de repente, aparece um autoritarismo mais brabo que o do Lênin e decidi dispensar gente, impor uma unidade de pensamento pior que a do leninismo.**

o problema do desemprego. De acordo com os interesses predominantemente do capitalismo, incide na área do trabalho. Eu acho que isso vai dar problema. Agora, a minha experiência de advogado sindical não me ajuda em nada, pois há 40 anos eu não tenho mais nada a ver com o Direito do Trabalho nem com o movimento sindical. Com 40 anos de distância, eu sou um leigo total. Meu filho está mais bem informado que eu. De vez em quando, ele me conta coisas e pergunta: “papai, você tem certeza que estudou Direito?” Eu digo para ele me respeitar.

**US – Qual é o espaço de atuação do militante de esquerda hoje no Brasil?**

**LK –** Acho que cada um tem que procurar o seu espaço. O importante é ter uma postura ativa, uma disponibilidade para tomar a iniciativa para agir, se inserir. As oportunidades são diferentes, caso a caso. Por exemplo, depois que a gente saiu do PT, muita gente me procurou para saber se deveria sair também. Eu disse que cada caso é um caso. Eu perguntava: “você tem possibilidade de entrar, brigar com algum rendimento, algum resultado dentro do partido? Então, não tem porque sair.” Tem que avaliar o conjunto desses movimentos individuais para ver que posições coletivas amadurecem. Criar um novo partido? Depende. Se surgirem condições para isso, por que não? Se não surgirem, também não adianta a gente ficar forçando a barra.

**US – Gostaríamos que o sr. comentasse mais um pouco sobre sua saída do PT.**

**LK –** Foi uma coisa muito dolorosa. Foi uma espécie de, para mim, subjetivamente, relembrar a minha saída do PCB. Trinta e um anos aí, brigando. Eu não acho que foram jogados fora, mas uma certa frustração vem dessa constatação de inutilidade. Lutei tanto para fazer do Partido Comunista Brasileiro algo parecido com o Partido Comunista Italiano e resultou numa panelinha tão inócua, tão oportunista. Depois ver o PT, um partido grande,

de massa, eu me dizia que o caminho pós-leninista estava dando certo e, de repente, aparece um autoritarismo mais brabo que o do Lênin e decidi dispensar gente, impor uma unidade de pensamento pior que a do leninismo. Então, neste caso, não dava mais. Milton Temer foi Deputado Federal, em duas legislaturas, e quis sair do Parlamento (...). Ele me disse: “eu segui as minhas idéias políticas, a minha posição política até o fim, mas estou preocupado comigo porque eu estou começando a gostar das pessoas”. São todos profissionais da simpatia. São caras da direitaça e o Milton me disse: “eu estou começando a gostar deles; eu vou sair. Não vou ficar aqui”.

**US – Fechou um ano de governo Lula, que é um dos temas de nossa próxima revista. Como é que o senhor avaliaria politicamente este período?**

**LK –** Eu, como professor, daria nota 3. Talvez 3,5 porque eu tenho uma certa simpatia pelo aluno. Tem gente que eu conheço, e são pessoas de quem eu realmente gosto, sem brincadeira. Mas como um todo, é melancólico.

**US – No último dia 19 [de janeiro], houve uma reunião aqui no Rio de Janeiro, da qual o sr não pôde comparecer, mas foi signatário do documento que emanou dessa reunião. Mas uma das críticas de outros partidos e de outros intelectuais é que este Novo Partido estaria reeditando o PT, uma reedição baseada no intelectualismo, não na consulta às bases, aos movimentos sociais. Neste sentido, reeditar o PT, quando já se teve a experiência de vinte e tantos anos, talvez não seja a melhor saída. Como o sr. avalia isso?**

**LK –** Vocês estão sabendo da minha vida. Eu não tenho muita disponibilidade para a militância política. A minha vida é trabalho e saúde. Mas, ao mesmo tempo, sou muito simpático ao esforço dessas pessoas que estão tentando fazer um novo partido, porque elas estão tentando resolver um problema. Elas não criaram o problema; o proble-



ma foi criado pelos outros. Então, elas estão tentando resolver. A Heloisa Helena está tentando encaminhar alguma coisa e eu simpatizo muito com isso. Eu acho que há um espaço na sociedade, um espectro político. Há um espaço entre o que seria a esquerda do PT e o que seria a direita do PSTU, entidades meio vagas, meio fantasmagóricas. Entre o PSTU e o PT tem um espaço e esse seria o nosso espaço. Agora, a forma como esse partido vai se desenvolver, a gente não pode definir a priori que vai excluir toda e qualquer intervenção da direção de cima para baixo, ouvir as bases. Isso o PT também dizia. O que vai nos distinguir do PT, neste novo partido, será a experiência de vida, será a



listas” E o Carlos Nelson deu um exemplo baiano: “eu estou me sentindo no interior da Bahia, perdido em algum lugar no interior da Bahia. Eu não estou em terra estrangeira, mas também não estou me sentindo à vontade porque não me situo direito. Então, de repente, eu vejo uma plaquinha com uma seta, dizendo assim: Salvador, 495 km. Então eu estou sabendo que Salvador está longe como o quê. Mas eu estou sabendo em que direção fica. Vocês não puseram até agora nenhuma plaquinha, Zé.” Sabem o que ele disse? “Nem vamos pôr”. Ele não quer se comprometer com nada que vá além da administração do presente, como se fosse possível você separar o presente – na nossa concepção – separar

**Fomos conversar com o Zé Dirceu, há alguns meses. O Zé Dirceu nos recebeu no Hotel Glória, conversou conosco, de um jeito hostil-cordial, mas, ao mesmo tempo olímpico, deuses do Olimpo. Num dado momento, ele disse: “vocês não estavam esperando que a gente adotasse medidas de política econômica socialista”.**

própria experiência da luta, da ação, porque programaticamente é muito difícil a gente definir a diferença. A diferença pode ser formulada com boa vontade e não ser traduzida na ação. Então, eu estou pagando para ver. Voltar a fazer parte de um novo partido, dirigindo, nós nunca dirigimos nada, mal consigo me dirigir pessoalmente. Mas eu quero participar dando apoio, até onde der. Evidentemente que se, de repente, a Heloisa Helena se revelar um ditador, eu pulo fora. Mas esse não é o jeito, não é o temperamento dela. É uma doce criatura. Então, eu fico pensando... isso eu posso contar. Eu conheço estas pessoas de longa data. Então, Carlos Nelson e eu e outros companheiros fomos ver, ao todo, éramos quatro, fomos conversar com o Zé Dirceu, há alguns meses. O Zé Dirceu nos recebeu no Hotel Glória, conversou conosco, de um jeito hostil-cordial, mas, ao mesmo tempo olímpico, deuses do Olimpo. Num dado momento, ele disse: “vocês não estavam esperando que a gente adotasse medidas de política econômica socialista”. Eu disse: “não, claro que não”. O Carlito também disse “não, claro que não, Zé”. Mas nós somos socialistas; o PT até há pouco era socialista, os dirigentes do PT eram socia-

o presente de qualquer aposta, qualquer compromisso com o futuro. Não podemos. Então eu fiquei meio chocado na reunião.

**US – O senhor quer deixar alguma mensagem para o movimento docente nacional?**

**LK –** De otimismo. Eu não sei o que dizer. Me sinto meio presunçoso em me dirigir a uma porção de militantes, lutadores e dizer: “avante, companheiros!” Eu acho que eu tenho que acompanhar a experiência de vocês e aprender com ela.

*\*Antônio Ponciano Bezerra é professor da Universidade Federal de Sergipe; 2º Vice-presidente da Secretaria Regional Nordeste II do ANDES-SN e editor da revista **Universidade e Sociedade**.*

*\*\* Janete Luzia Leite é professora na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1ª vice-presidente da Regional RJ do ANDES-SN e editora adjunta da revista **Universidade e Sociedade**.*